

Listas do *Desassossego*

PEDRO SEPÚLVEDA

ELAB | Universidade Nova de Lisboa

Resumo

O espólio de Fernando Pessoa alberga inúmeros papéis que não chegaram a ser integrados em livros, mas que na maioria dos casos foram concebidos com esse propósito. É o que acontece no caso do *Livro do Desassossego*, onde uma aparente desordem dos materiais legados contrasta com uma persistente ideia estruturante de livro. Para além dos textos concebidos explicitamente como parte integrante do mesmo, numerosas listas editoriais testemunham a presença de uma ideia de edição constantemente modificada e adiada. Estas listas, entre as quais importa distinguir listas de projetos editoriais e planos de estruturação do livro, não só possuem um propósito prático, como lhe conferem um sentido e uma posição no conjunto da obra. Através da análise deste *corpus* procurar-se-á traçar a história deste planeamento e mostrar o modo como a conceção do *Livro* dele depende. **Palavras-chave:** Fernando Pessoa; *Livro do Desassossego*; Projetos; Edição; Publicação.

Abstract

Fernando Pessoa's Archive houses innumerable papers that were never integrated in books, but were in most cases conceived with this purpose. This is also the case of the *Book of Disquiet*, where an apparent disorder of the materials left by the poet contrasts with a persistent structuring idea of book. Beyond the texts explicitly conceived as part of the book, several editorial lists show the presence of an idea of edition constantly changed and delayed. These lists, among which one should distinguish between lists of editorial projects and structuring plans of the book, not only follow a practical purpose, but also give a meaning and a position to it within the work as a whole. The analysis of this *corpus* allows for the charting of the history of this planning, showing how the conception of the *Book* depends on it. **Keywords:** Fernando Pessoa; *Book of Disquiet*; Projects; Edition; Publication.

1. Planos e projetos editoriais

Se contemplarmos os planos de estruturação de determinado título e as listas de projetos editoriais, que dispunham vários títulos estabelecendo frequentemente relações entre eles, são não só centenas mas milhares os testemunhos de planeamento editorial presentes no espólio de Fernando Pessoa.¹ Estes testemunhos, apenas parcialmente publicados, não só possuem um propósito prático, o de projetar uma ideia de edição, concretizada ou não posteriormente, como conferem a títulos de outro modo díspares um sentido de conjunto. Este sentido resulta de uma organização

¹ Cf. a este respeito Nemésio, 1958 e Cunha, 1987.

permanentemente modificada mas pontualmente significativa. Será precisamente a existência de ideias alternativas ou mesmo incompatíveis de organização da obra, ela própria decorrente de um sentido global passível de revisão, que está na base do seu caráter potencial, de obra por fechar. Esta potencialidade revela-se, por outro lado, coerente com as esparsas publicações realizadas em vida.

O planeamento editorial, de dimensão e importância absolutamente singulares em Pessoa, constitui um ponto de contato privilegiado entre a idealidade e a materialidade da obra. Indicações de tipo material sobre as obras coexistem nos mesmos documentos com uma projeção de um sentido de conjunto que visa tudo abarcar, tanto o plano especificamente editorial como o literário.² Esta planificação encontra-se em alguns dos textos concebidos como prefácio, posfácio ou comentário a determinada obra, na correspondência com editores e companheiros de geração e, principalmente, nas inúmeras listas que o poeta elaborava. Entre estas, importa distinguir, na linha do que já tem sido feito pelos editores, entre listas de projetos editoriais e planos de estruturação de uma obra. Principalmente as primeiras são decisivas relativamente ao referido problema de ordenação e disposição da obra, que para Pessoa era de ordem fundacional. No âmbito desta ordenação, deve entender-se aqui os termos *editorial* ou *edição* em sentido lato, comum no inglês, de organização, seleção, compilação ou apresentação de textos, que Pessoa conhecia e empregava.³

As edições criteriosas de que hoje dispomos seguem em maior ou menor grau as intenções editoriais expressas por Pessoa nos seus planos e projetos. Em qualquer dos casos, assim como nas reflexões de Jorge Nemésio, num pioneiro estudo e reunião do material, publicado em 1958, e de Teresa Sobral Cunha, que no final dos anos 80 se referia a estes documentos como a uma “velha questão” (cf. Nemésio, 1958 e Cunha, 1987), é privilegiada a dimensão prática ou funcional dos planos e projetos editoriais. No entanto, estes estão longe de se esgotar nessa dimensão e diretamente nela implicada está um propósito de posicionamento dos textos na obra, do qual depende ainda no caso de Pessoa um preenchimento das categorias de autor e ainda de editor ou tradutor dos mesmos. Estas categorias vêm-se amiúde inseridas no próprio universo literário, pelo que o planeamento editorial da obra transcende duplamente um mero propósito de publicação. Por um lado, possui o referido caráter fundacional, por outro, não lhe são alheios elementos puramente literários ou ficcionais. Como revela o caso do *Livro do Desassossego*, nomes ficcionais de autor ou editor, noutros casos também de tradutor⁴, adquirem relevância enquanto princípios organizadores da obra.

² Esta questão é esboçada em Seabra, 1993 e desenvolvida em Sepúlveda, 2012: I.

³ Na lista de projetos editoriais da “COSMOPOLIS” (Anexo, [7]), por exemplo, Pessoa traduz o inglês “edited by Antonio Móra” por “dirigidos por Antonio Móra”.

⁴ É este o caso de Thomas Crosse, figura de um autor, crítico e tradutor, a que foi atribuída a tarefa de tradução dos poemas de Alberto Caeiro para inglês (cf. a respeito

No caso do *Livro*, a recolha e análise dos projetos e planos editoriais permite traçar com relativa precisão a história da sua conceção e da ideia de edição que lhe subjaz em diferentes momentos. Esta história é marcada por dois períodos temporais, em concordância aliás com a divisão já esboçada por alguns dos seus editores, como Jorge de Sena, Teresa Sobral Cunha e, com base numa ampla pesquisa dos materiais e que acompanha uma fundamentação filológica mais sólida que as anteriores, Jerónimo Pizarro, em cujo trabalho de descrição e datação dos textos a partir dos seus suportes se baseia em parte este estudo.⁵ O primeiro período temporal principia por volta de 1913, altura em que Pessoa começou a escrever e planear o *Livro*, e estende-se até início dos anos 20, momento em que terá abandonado a escrita e o planeamento que a acompanha, ao longo de um intervalo temporal que perdura até ao final da mesma década. O segundo período começa precisamente no final dos anos 20 e constitui uma fase muito produtiva de escrita e também de publicação, terminando por volta de 1932, ano em que é publicado o último trecho e em que Pessoa parece adiar indefinidamente os seus propósitos de preparar o livro para publicação.

2. *Livro do Desassossego*

É necessário entender o modo como uma amplamente discutida “experiência da impossibilidade do livro” que o *Livro do Desassossego* “representa” (Rubim, 2000: 217) se vê expressa na existência de múltiplos e distintos projetos editoriais, assim como de vários planos de ordenação da obra. Não existe uma “ideia estruturante de livro” única e fixa, que permitisse uma “projectão de totalidade” (Martins, 2003: 221), mas deste facto não resulta, como frequentemente se supõe, uma caoticidade textual. A análise do planeamento editorial do livro mostra a existência de diversas ideias estruturantes, que se sucedem umas às outras vindo substituir as anteriores, não se podendo escolher nenhuma delas como a que determina todas as outras, a não ser que se opte por aquele que seria o último documento de uma intenção. Mas fazendo-o é preciso não esquecer que o autor nunca o viu como uma última

da sua relevância enquanto princípio organizador de textos no âmbito do planeamento editorial Sepúlveda e Uribe, 2013).

⁵ Cf. a edição crítica do *Livro* (LdD), assim como o estudo que a acompanha (Pizarro, 2010). Ainda que, tal como Prado Coelho (1982), opte por uma organização do livro que tem por base a figura do autor Bernardo Soares, Richard Zenith reconhece igualmente a existência de diferentes fases de escrita do *Livro*, defendendo no entanto que “em Bernardo Soares [...] Pessoa inventou o melhor autor possível (e que era ele mesmo, apenas um pouco “mutilado”) para dar unidade a um livro que, por natureza, nunca poderia tê-la” (Zenith, 2011: 29). Prescindindo de um critério de ordenação cronológico, a opção editorial de Zenith por uma ordenação dos textos em torno da figura de Soares segue aquela que foi uma das intenções fortemente marcadas por Pessoa numa segunda fase de escrita, a de organizar o livro em torno da figura de Soares.

intenção, num processo nunca terminado mas interrompido. Esta série de evidências adquire novo sentido perante a análise do planeamento que acompanha o livro.

O tal “livro impossível, ou possível na sua função de texto sem cessar diferido” (Lourenço, 2008: 113) *existiu* afinal para Pessoa sob a forma de vários projetos de livro que em diferentes momentos tinham como propósito conferir uma unidade a textos, delimitando um conjunto. Pessoa não cultivava o fragmento como definidor de uma estética e a contingência de uma não-publicação em livro da maior parte da obra só pode ser justificada a partir de uma flagrante colisão entre um ideal de organicidade reivindicado em textos teóricos e a fragmentariedade de grande parte destes e de outros textos. Esta fragmentariedade dependerá mais da relação dos textos com várias ideias de totalidade, potenciais, adiadas e nunca concretizadas de modo a apagarem outros modos possíveis de concretização, do que de um pensamento estético que o fundamenta ou de um mero gosto pelo inacabamento.⁶ O que é pois necessário mostrar é o modo como uma aparente “caoticidade textual empírica”, como escreve Eduardo Lourenço, se vê “condicionada pela intenção expressa de Pessoa” (*idem*). Esta intenção é de tipo editorial e é na história das suas mutações que se traça uma “incapacidade” do *Livro* de ser “uno e coerente” e a sua “possibilidade de ser muitos” (Zenith, 2011: 20).

Os documentos a que me irei referir em seguida resultam de uma recolha dos projetos e planos editoriais relativos ao *Livro do Desassossego* com um propósito exaustivo, tendo por base o espólio de Pessoa à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP/E3). A tabela incluída em anexo, que os ordena de um modo cronológico, ainda que na maioria dos casos conjetural, restringe no entanto o *corpus* aos projetos e planos cujas características permitem aproximá-los de determinada data. As notas que acompanham a tabela justificam a datação e referem elementos materiais e de conteúdo considerados determinantes. O presente estudo reúne um conjunto de documentos relativos ao planeamento editorial do *Livro* dispersos por várias edições, incluindo e publicando ainda uma lista de projetos tardia inédita (Anexo, [19]). Esta lista encontrava-se em posse da família do autor, tendo sido posteriormente integrada no espólio à guarda da Biblioteca Nacional, e foi transcrita pela primeira vez na dissertação de doutoramento de que este estudo é subsidiário, procurando sintetizar e precisar as análises aí dedicadas ao *Livro do Desassossego* (cf. Sepúlveda, 2012: I. 2 e I. 3).

A disposição cronológica das listas e de duas notas de tipo editorial mostra como o planeamento editorial era realizado paralelamente à escrita do *Livro*. Exceção a esta regra são os últimos anos da vida de Pessoa, onde o

⁶ A questão do fragmento é muitas vezes tratada sem ter em conta esta colisão com uma ideia de totalidade orgânica de tradição aristotélica, que Pessoa defende de um modo persistente (cf. Sepúlveda, 2012: II. 2). Entre alguns estudos que focam este problema veja-se Martins, 2003, Gusmão, 2003 e Patrício, 2008.

propósito de edição e publicação do *Livro* parece ter sido abandonado, mas não a sua escrita. Os documentos localizados mais antigos são três planos de ordenação da obra que datam aproximadamente de 1913 e apresentam uma proximidade não só cronológica como temática. Recorde-se que Pessoa publica em Agosto de 1913 *Na Floresta do Albeamento*, o primeiro trecho anunciado como “Do “Livro do Desasocego” em preparação” e atribuído ao nome de autor “Fernando Pessôa” (LdD, 42-47). Devendo ter sido elaborados pela mesma altura, os planos testemunham o propósito de organizar o livro, de o editar tendo já possivelmente em vista uma publicação.

O plano [1] prevê “13 trechos”, apesar de listar apenas 7, de um “*Livro do Desasocego*”, uma das grafias equacionadas para o título, e é escrito no topo de uma folha que contém também um texto destinado ao livro. A proximidade entre escrita e planeamento é aqui marcada no próprio espaço de uma página dividida por um traço horizontal. Dois planos mais amplos ([2] e [3]) listam 14 trechos, incluindo *Na Floresta do Albeamento* e todos eles possuindo título, o que caracteriza um primeiro período de escrita e planeamento em que Jorge de Sena encontrava “manifesto o estilo do simbolismo e do esteticismo do Fim de Século”, considerando estes títulos “um dicionário de sugestões cruzadas do simbolismo francês e do esteticismo britânico” (Sena, 1982: 204).

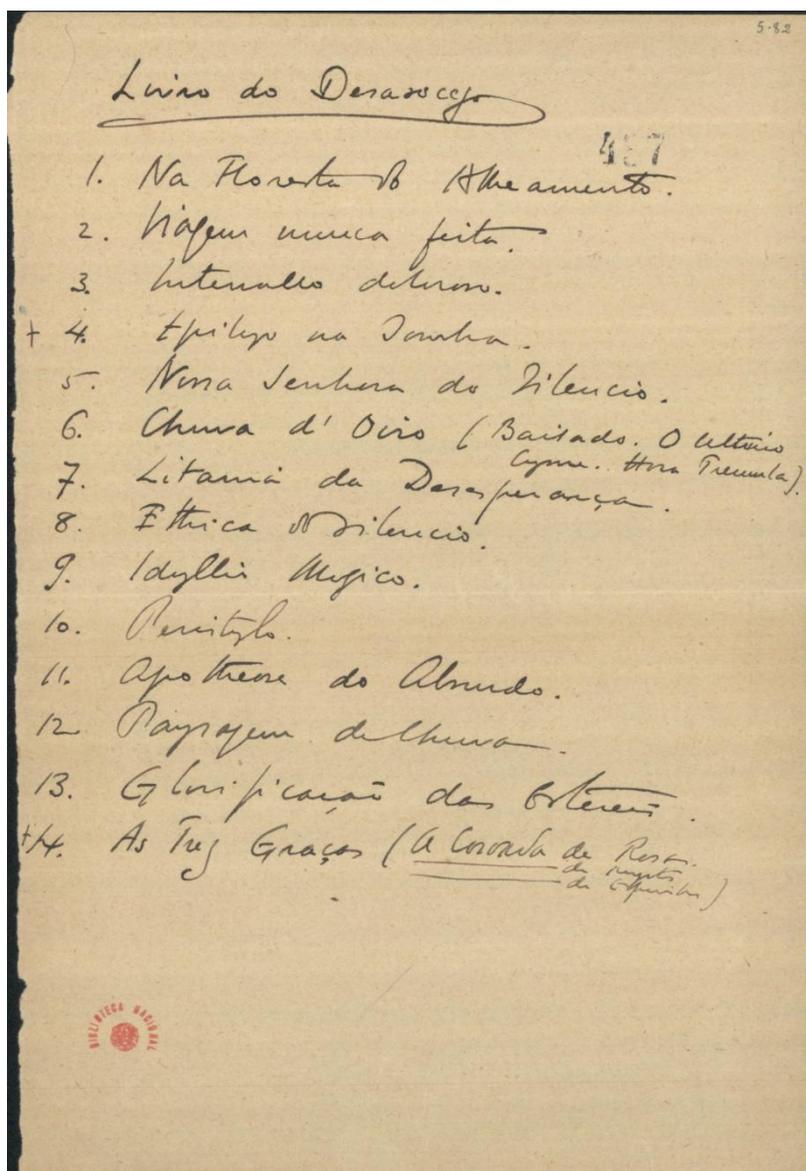


Figura 1. Plano de estruturação do *Livro do Desassossego* (c. 1913; cf. Anexo, [3]).

Do início de 1914, mais precisamente de 12 de Janeiro de 1914, a julgar pela datação do punho de Pessoa no próprio documento ([4]), data a mais antiga aparição que se conhece do *Livro do Desassossego* em listas de projetos editoriais. O *Livro* é aqui um dos títulos da obra escrita em português, ao lado de muitos outros, sem qualquer indicação de autoria ou alguma nota de tipo editorial, que permanece assim vaga ou por definir.

Igualmente de 1914 é datável uma lista ([5]) em que, à semelhança do que acontece noutras, especialmente ao longo da década de 1910, o

“Desasoço”, naquela que é a sua grafia mais constante⁷, surge inserido num conjunto de obras maior, aí designado “Bibliotheca da Europa”, ao lado de “Céu em Fôgo” de Mário de Sá-Carneiro e “A Venda” de António Ponce de Leão. Este título de conjunto é homónimo de o de um projeto de uma revista vanguardista, intitulada precisamente “Europa”, dos quais restaram diversos textos escritos no mesmo período (cf. SOI, 29-37). De sublinhar ainda a atribuição aqui explícita do *Livro* ao nome de Fernando Pessoa.

Recorde-se que apesar destes testemunhos de planeamento editorial, Pessoa escrevia em carta a João Lebre e Lima de Maio de 1914 que “aquelle trecho pertence a um livro meu, de que ha outros trechos escriptos mas inéditos, mas de que falta ainda muito para acabar; esse livro chama-se Livro do Desassoço, por causa da inquietação e incerteza que é a sua nota predominante” (BNP/E3 114²-68^r; CO-I, 112). Dir-se-ia que a mesma inquietação e incerteza caracterizavam o planeamento de um livro infinitamente distante da sua forma final. Esta distância era explicada por Pessoa em várias cartas dos meses seguintes a Armando Côrtes-Rodrigues, datadas entre Setembro e Novembro, referindo-se aí a uma “produção doentia” que iria “complexa e tortuosamente avançando” (CO-I, 120) e a “quebrados e desconexos pedaços do *Livro do Desassoço*” (*idem*, 123). Note-se como a falta de coincidência do produzido com uma ideia orgânica de obra e de livro está na base destas considerações, lendo-se na carta de Novembro o seu lamento por uma fragmentariedade que enquanto tal depende de uma totalidade projetada: “O meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no *Livro do Desassoço*. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos.” (*idem*, 132).

De 1916 data aproximadamente um novo plano de estruturação ([6]), posterior aos outros três datáveis de 1913, onde são reconhecíveis alguns dos títulos dos trechos designados por Pessoa posteriormente como os “Grandes Trechos”, designação esta seguida também por alguns dos editores. O plano inclui, para além destes trechos, uma introdução e, surpreendentemente, para quem não conheça estes testemunhos, o poema *Chuva Obliqua*, ao qual me irei referir mais adiante.

Interesse acrescido possui uma lista de projetos de edições de uma empresa aí intitulada “Cosmopolis”, um nome que terá sido pensado para a editora posteriormente designada por “Olisipo”⁸, onde se encontra a referência a um “Livro do Desassoço — Escripto por Vicente Guedes e publicado por Fernando Pessôa.” ([7]). Esta referência, repetida numa outra lista posterior, mas também da década de 1910 ([11]), é datável de um período anterior a Setembro de 1916, altura em que Pessoa escreve em carta a Côrtes-Rodrigues que decidira retirar o acento do apelido, por este

⁷ Sobre as diferentes grafias nota Jerónimo Pizarro que o “Livro do Desasoço [...] logo no título anunciava a sua pluralidade. Pessoa escreveu *desassoço*, *desasosço* e *desasoço*, optando, nos últimos anos, por *desasoço*.” (LdD, 7).

⁸ Cf. a este respeito Sousa, 2008: 86-97 e Ferreira, 2005: 69-87 e 217-222.

prejudicar “o nome cosmopolitamente” (cf. SOI, 400). As referências a António Mora e ao projetado livro de poemas de Álvaro de Campos “Arco do Triumpho” apontam também neste sentido.

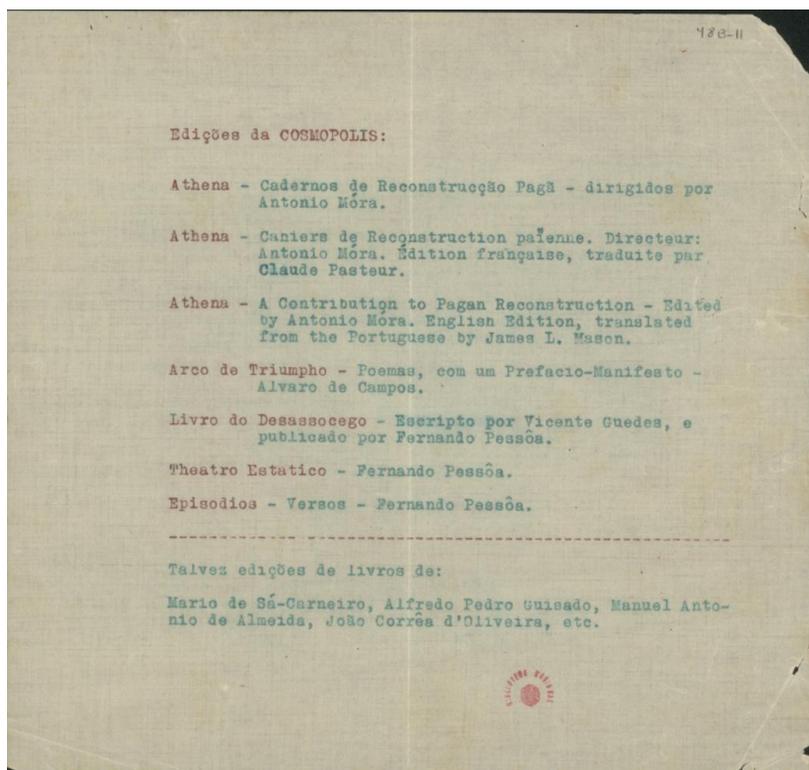


Figura 2. Lista de projetos editoriais que inclui o *Livro*, “Escripito por Vicente Guedes, e publicado por Fernando Pessoa” (ant. Set. 1916; cf. Anexo, [7]).

Este projeto editorial mereceria uma análise mais demorada, que não posso fazer aqui. Gostaria apenas de referir, por um lado, como Vicente Guedes é o primeiro nome de uma figura que vem substituir a anterior atribuição do *Livro* ao nome próprio e a sua publicação na revista *A Águia* em 1913, também em nome próprio. Por outro, como se encontra documentada a anterior existência textual e ficcional de Guedes como contista e poeta, que surge aqui reformulada.⁹ Trata-se de um processo metonímico frequente em Pessoa, através do qual nomes associados a uma determinada posição ou

⁹ Sobre Vicente Guedes veja-se os vários textos, não pertencentes ao *Livro do Desassossego* e escritos todos eles numa fase anterior à associação do nome de Guedes ao *Livro*, mencionados em LdD, 722-723 e a descrição desta sua biografia textual em TH, 74-75. Veja-se ainda como naquele que será provavelmente o texto mais antigo com a indicação de prefácio ao *Livro* (“L. do D. — Prefacio”) não consta ainda o nome de Guedes, que surge posteriormente num trecho que poderia igualmente integrar um prefácio. Pizarro data o primeiro texto aproximadamente de 1915 e aquele em que surge o nome de Guedes de 1917 (cf. LdD, 125, 146).

tarefas são transportados para uma nova função. É neste período que Pessoa terá também escrito os primeiros prefácios ao *Livro*, nos quais esta situação de uma publicação por um editor, Fernando Pessoa, de manuscritos legados por um autor já falecido, Vicente Guedes, ganha então espessura textual. Este é um processo seguido também no caso do livro de poemas de Alberto Caíro, mas onde a responsabilidade por uma publicação póstuma dos poemas é atribuída a outras personagens, como os parentes de Alberto Caíro ou o editor e prefaciador Ricardo Reis.

Esta atribuição do *Livro* a Guedes não parece contudo ser constante, mesmo ao longo da segunda metade da década de 1910. Numa outra lista, por exemplo, datável aproximadamente de 1917 ([8]), o *Livro do Desassossego* surge novamente atribuído ao nome próprio. Isto acontece, curiosamente, não através de uma atribuição direta ao nome *Fernando Pessoa*, mas à categoria aqui utilizada para definir obras a partir do modo de autoria nelas implicado, a de “obras autonymas”. Recorde-se que mais tarde, na *Tábua Bibliográfica* de 1928, Pessoa introduzirá pela primeira vez a distinção entre *obras ortónimas* e *heterónimas*, seguindo um propósito semelhante ao que é evidente nesta lista, o de distinguir obras de um ponto de vista bibliográfico ou editorial, tendo por base a definição do tipo de autoria implicado em cada uma e dividindo a obra em duas metades. A distinção aqui proposta entre “obras autonymas” e “meio-autonymamente”, categoria que designa o projetado livro de poemas de Álvaro de Campos, “Arco do Triunpho”, lembra ainda a definição de Bernardo Soares como “semi-heteronymo”, na famosa carta a Adolfo Casais Monteiro de Janeiro de 1935, podendo pensar-se que não há aqui lugar a uma autonomia total da obra atribuída a Campos.

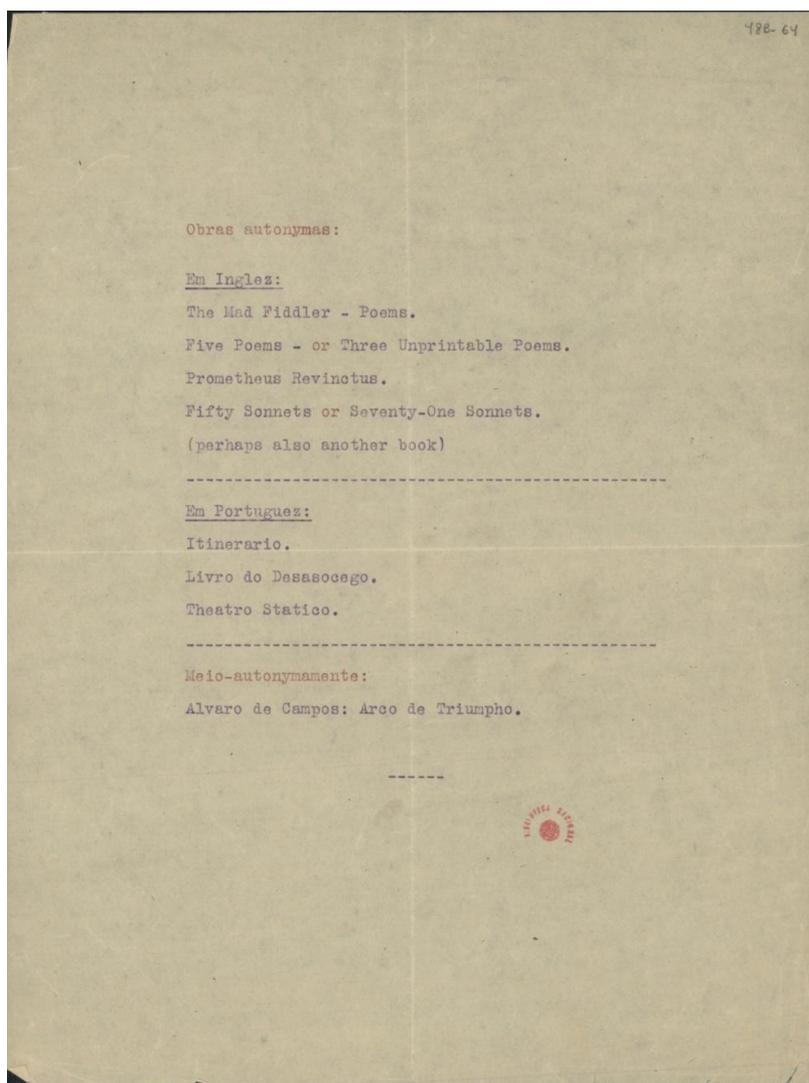


Figura 3. Lista de projetos editoriais que divide a obra segundo modos de autoria; o *Livro* é aqui uma “obra autonyma” (c. 1917; cf. Anexo, [8]).

Três outras listas deste período mostram a oscilação entre uma atribuição do *Livro* ao nome próprio ([9]) e a Vicente Guedes ([10] e [11]). Na lista intitulada “Aspectos” ([10]) e que encontra correspondência em esboços de prefácio à publicação da obra que possuem o mesmo título, as obras atribuídas a Caeiro, Reis, Campos, Mora e Guedes são reunidas num mesmo conjunto. Neste sentido, trata-se de um propósito editorial inédito, já que Pessoa costuma separar o conjunto de obras das suas personagens pagãs, Caeiro, Reis, Campos e Mora, do *Livro do Desassossego*. Esta tendência geral, no entanto, nem sempre é mantida, sendo o *Livro* um caso significativo de oscilação não só no que toca à atribuição de autoria mas também à sua

posição no todo da obra. O *Livro* encontra-se ora separado da obra assinada em nome de outro, ora inserida na mesma, ora contendo só prosa, ora também poesia, aqui chegando mesmo a ser colocado num conjunto que engloba a obra dos diversos atores do *Neo-Paganismo*. De 1920 é datável ainda aproximadamente outra lista ([12]) onde o “Livro do Desasocego” surge como título isolado, sem atribuição de autoria.

Parece existir um longo intervalo entre o início e o final da década de 20, tanto no que respeita à escrita como à elaboração de projetos e planos editoriais do *Livro*, período ao longo do qual não são identificáveis testemunhos de planeamento editorial. É apenas a partir do final dos anos 20 que é possível encontrar projetos e planos datáveis e que acompanham uma nova fase de escrita, testemunhada pelos manuscritos que integrariam o livro e confirmada de um modo mais ou menos marcado pelos seus editores póstumos.

Num documento datável do final dos anos 20 ([13]) são atribuídos a Bernardo Soares vários trechos que integrariam o *Livro*, entre eles o poema *Chuva Obliqua*, num momento necessariamente anterior a testemunhos datáveis dos anos 30. Esta lista revela um outro procedimento metonímico muito frequente em Pessoa, o de se referir a uma obra através do nome de autor com que está relacionada. Bernardo Soares é então o novo nome de autor, escolhido a partir do final dos anos 20. Como no caso de Vicente Guedes, existem testemunhos de poemas e de projetos de pequenos contos assinados com o nome de Soares.¹⁰ Ao publicar trechos do *Livro* em nome de Soares, o que acontece entre 1929 e 1932¹¹, Pessoa opta sempre por uma dupla atribuição, indicando que o trecho é “composto pelo ajudante de guarda-livros Bernardo Soares”, mas assinando com o nome “Fernando Pessoa”. Será esta a materialização de uma ideia de Soares enquanto “semi-heterónimo”, descrita na carta a Casais Monteiro (cf. CP, 251-261).

¹⁰ Cf. nomeadamente a lista de contos atribuídos a Bernardo Soares, publicada em GL, 553, que se encontra num caderno onde as datas mencionadas se situam entre 1919 e 1921 (cf. também <http://purl.pt/13883>).

¹¹ Entre o início de 1929 e o final de 1932, Pessoa publica vários textos que indica como pertencentes ao *Livro do Desassossego*, em *A Revista*, *Presença* (n.ºs 27 e 34), *Descobrimto* e *Revolução* (cf. as indicações completas em LdD, 566-577), ao longo daquela que terá sido, não só tendo em conta as publicações, a fase mais produtiva de escrita.

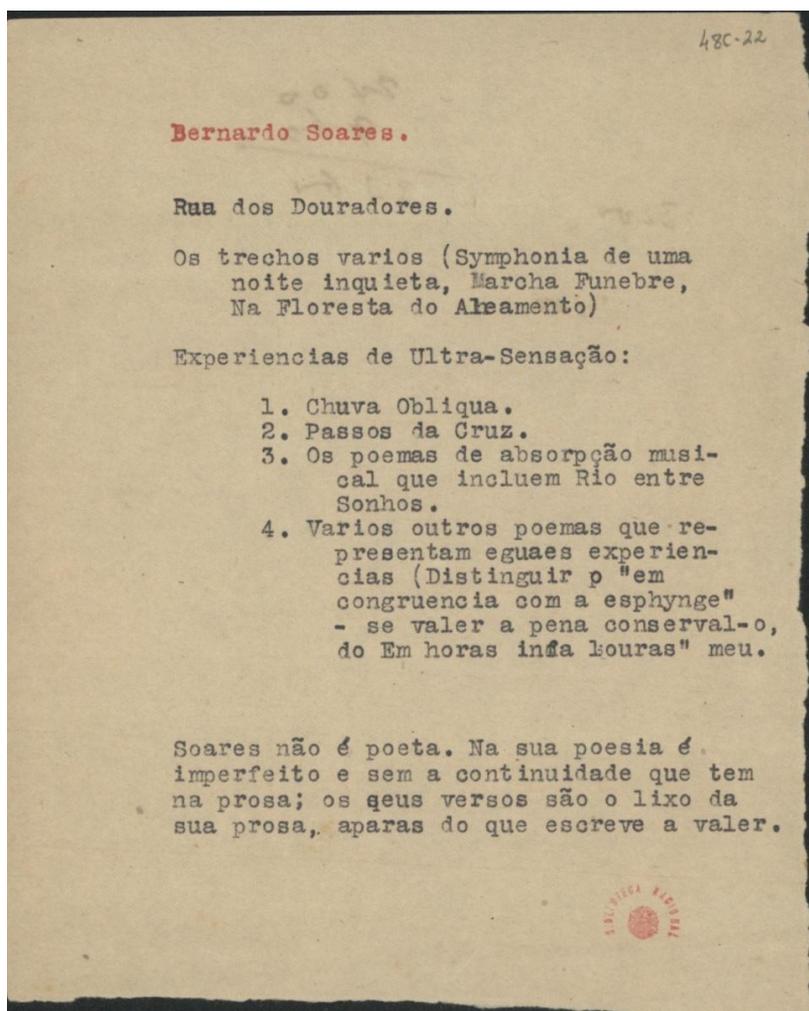


Figura 4. Plano de estruturação do *Livro* atribuído a Bernardo Soares (c. 1929; cf. Anexo, [13]).

Não sendo a referida lista uma enumeração de projetos mas um plano de estruturação do próprio *Livro*, o seu interesse reside principalmente em perceber-se como Pessoa, como aliás já anteriormente, previu a inclusão no *Livro* de poemas, a par de trechos em prosa, entre estes “Passos da Cruz” e “Chuva Obliqua”, caracterizados como “Experiências de Ultra-Sensação”. Num apontamento materialmente idêntico a este plano e escrito provavelmente pela mesma altura, lê-se no entanto uma renúncia a este propósito de incluir poemas no livro, onde Pessoa indica que pretendia reunir estes poemas “mais tarde, em um livro separado”, livro este que deveria possuir “um título mais ou menos equivalente a dizer que contém lixo ou intervalo, ou qualquer palavra de igual afastamento” ([14]; LdD, 452).

O dado porventura mais surpreendente desta afirmação consiste em considerar “lixo” um poema como *Chuva Oblíqua*, atribuído no plano [13] a Soares e descrito no apontamento que o acompanha como “o lixo da sua prosa, aparas do que escreve a valer”. Para além da sua evidente qualidade estética, *Chuva Oblíqua* é um título que conhece numerosas e importantes posições naquele que é o sistema elaborado e revisto por Pessoa. Não podendo estender-me demasiado sobre este assunto, referirei apenas que num plano de 1914 *Chuva Oblíqua* começa por ser atribuída a Alberto Caeiro (BNP/E3 67-27; AC, 203), sendo depois publicada em nome próprio no segundo número de *Orpheu*, em Abril de 1915. Existindo pelo menos os dois testemunhos apresentados que a associam ao *Livro do Desassossego*, trata-se do poema que irá ter posteriormente uma função decisiva na narrativa do dia triunfal, construída na carta a Casais Monteiro de Janeiro de 1935 e esboçada anteriormente nas *Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro*, escritas por volta do início dos anos 30. Nesta narrativa, o poema surge apresentado como tendo sido elaborado após a escrita de “trinta e tantos poemas de O Guardador de Rebanhos”, seguindo-se então a este, escritos “a fio também”, os “seis poemas que constituem a “Chuva Oblíqua”, de Fernando Pessoa” (CP, 256), o que é definidor de uma “reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro” (*idem*).

A afirmação de que o poema seria “lixo” não é tão surpreendente se enquadrada num planeamento editorial da obra intimamente associado à narrativa sobre a qual esta assenta. O termo deve ser entendido com relação a um conjunto de textos que constituiriam um *Livro* atribuído a uma figura com características próprias. Como acontece em casos em que Reis surge como crítico da obra de Caeiro ou Campos enquanto crítico de Pessoa, este julgamento valorativo não é absoluto, mas depende de uma delimitação das fronteiras do *Livro*. Este pequeno esboço que procurei traçar da história da posição do poema *Chuva Oblíqua* no conjunto da obra mostra como o seu planeamento editorial é determinante na construção de uma narrativa que visa fixar os fundamentos da própria obra. A fundamentação sistémica da obra depende deste planeamento, constantemente objeto de transformação, reescrita, reelaboração.

Em Julho de 1932, Pessoa escreve uma carta a Gaspar Simões apontando para uma necessidade de “revisão” do *Livro*, que “não levaria menos de um anno a fazer” (CP, 199). De entre a correspondência dos anos 30, encontram-se breves referências a trechos do *Livro* que pretende ou chega mesmo a enviar aos editores da revista, mas é esta carta a Simões o texto decisivo sobre o projeto de edição do *Livro* e o seu abandono. Pessoa começa por expor aquele que era o seu intuito primitivo, já abandonado:

Primitivamente, era minha intenção começar as minhas publicações por trez livros, na ordem seguinte: (1) “Portugal”, que é um livro pequeno de poemas (tem 41 ao todo), de que o “Mar Portuguez (“Contemporanea”

4) é a segunda parte; (2) “Livro do Desasocego” (Bernardo Soares, mas subsidiariamente, pois que o B. S. não é um heteronymo, mas uma personagem literária); (3) “Poemas Completos de Alberto Caeiro” (com o Prefácio de Ricardo Reis, e, em postfácio, as “Notas para a Recordação” do Alvaro de Campos). (CP, 199)

Perante a falta de testemunhos de projetos e planos editoriais identificáveis como posteriores a 1932, a necessidade de “revisão” do *Livro* que indica em seguida parece ser, afinal, o testemunho de um abandono do propósito de o preparar para publicação. O propósito de publicação do *Livro do Desasossego* existiu, de facto, ao longo das suas duas grandes fases produtivas, sendo vários os testemunhos de projetos editoriais relacionados com o mesmo datáveis do início dos anos 30. A listagem de projetos na carta retoma a ideia determinante nesta altura, expressa também, com pequenas variantes, em algumas das listas já referidas. Ao mesmo período, ainda que provavelmente anterior à carta e que confirma a referência na mesma a um plano anterior, pertence uma nota em que Pessoa relaciona uma projetada revisão e organização do *Livro* a uma adequação à psicologia da sua figura autoral, Bernardo Soares:

L. do D.
(nota)

A organização do livro deve basear-se numa escolha, rígida quanto possível, dos trechos variadamente existentes, adaptando, porém, os mais antigos, que falhem à psychologia de B[ernardo] S[oa]res], tal como agora surge, a essa vera psychologia. À parte isso, ha que fazer uma revisão geral do proprio estylo, sem que elle perca, na expressão intima, o devaneio e o desconexo logico que o caracterizam. ([17]; LdD, 453)

Como noutros casos, a posição ocupada pelo nome de autor é determinante enquanto princípio estruturante do próprio texto e a organização do livro tem aqui como princípio a sua adequação à figura de Soares, naquele que é na edição de Zenith (2011; 1.ª ed. 1998) um critério determinante. A julgar por esta e as outras notas acima citadas, Pessoa seria muito seletivo na escolha dos textos que integrariam o *Livro*. Será este o testemunho mais claro deixado por Pessoa quanto aos seus critérios de organização de um livro que nunca chegou a sê-lo, mais um testemunho de um livro potencial, nunca concretizado, à semelhança de muitos outros livros pessoanos uma obra que resulta da colisão entre uma persistente ideia de livro como totalidade orgânica e a falha em concretizá-la.

Os textos que potencialmente o integrariam são fragmentários, mas não por serem fortemente marcados por efetivas marcas de fragmentariedade¹² ou suportados por uma teoria estética assente no fragmento, mas principalmente pela sua diferença em relação a várias ideias que os reuniram num livro nunca editado. Esta colisão é permanentemente descrita no próprio *Desassossego* como diferença entre a realidade dos textos e a da obra perfeita que nunca se realizará, de forma tão insistente e em tantos passos que seria enganoso citar qualquer um deles como particularmente representativo.

Sublinhe-se, por último, a existência de quatro listas de projetos editoriais datáveis aproximadamente do final dos anos 20 ou início dos 30 ([15], [16], [18] e [19]), nas quais o *Livro* surge, sem atribuição de autoria ou inserção num conjunto, ao lado de outros projetos. A omissão de um nome de autor não significa necessariamente uma atribuição ao ortónimo, mas permite pelo menos assinalar a dúvida quanto a uma última intenção a este respeito. À semelhança do que acontece em relação à figura de Vicente Guedes, a não inclusão de Bernardo Soares em algumas das listas mais tardias deixa pelo menos em aberto a possibilidade de uma outra atribuição.¹³

Anexo:

Projetos e planos editoriais relativos ao *Livro do Desassossego*

Reúne-se aqui um conjunto representativo dos projetos e planos editoriais de Pessoa relativos ao *Livro do Desassossego*, cujos elementos de conteúdo e características materiais permitem aproximá-los de determinada data (excluindo apenas alguns outros em que tal não acontece; cf. a este respeito Sepúlveda, 2012: I). A ordenação cronológica dos projetos e planos é na maior parte dos casos conjectural, indicada de um modo aproximado (“c.”: *circa*) e justificada nas notas. A referência a “ant.” (*anterior*) e “post.” (*posterior*) indica que o documento pertencerá a um período próximo mas anterior ou posterior à referida data, existindo uma relação com a mesma. Incluo nesta recolha planos de estruturação das obras, listas de projetos editoriais e ainda notas de tipo editorial. Excluo da mesma as indicações editoriais presentes na correspondência. Em qualquer dos casos são indicadas resumidamente as referências ao *Livro do Desassossego*, assim como as cotas do espólio de cada documento à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal (ou “s. c.”: “sem cota”) e uma edição em que se encontram. Apenas uma destas listas se encontra inédita e é transcrita em seguida.

¹² Cf. Martins, 2003: 220: “[...] muitos dos “fragmentos” que Pessoa deixou para o Livro do Desassossego são, de facto, poemas em prosa completos. Não há neles nada de fragmentário, embora não tenham lugar relativo, e estejam perdidos num magma textual.”

¹³Artigo produzido no âmbito do projeto *Estranhar Pessoa: Um Escrutínio das Pretensões Heteronímicas* (PTDC/CPC-ELT/4578/2012), financiado pela FCT e desenvolvido pelo ELAB, Laboratório de Estudos Literários Avançados, e pelo IFL, Instituto de Filosofia da Linguagem, unidades de investigação da FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Data	Conteúdo	Tipo de Documento	Fonte
[1] c. 1913	<i>Livro do Desasocego, 13 trechos</i>	Plano de obra	5-25 ^r ; LdD, 441
[2] c. 1913	<i>Metaphysica do Epíteto</i>	Plano de obra	5-85 ^r ; LdD, 442
[3] c. 1913	<i>Livro do Desasocego</i> 1. Na Floresta do Alheamento	Plano de obra	5-82 ^r ; LdD, 442-443
[4] 12. 1. 1914	Obras consoante ditas em 12. 1. 1914 <i>Em Português</i> ; 8. Livro do Desasocego	Lista de projetos (Súmula)	48E-29; GL, 548
[5] c. 1914	<i>Fernando Pessoa</i> : Livro do Desasocego.	Lista de projetos	68A-3 ^v ; LdD, 443
[6] c. 1916	<i>L. do D.</i> 1. Introdução Chuva Oblíqua	Plano de obra	5-84 ^r ; LdD, 443
[7] ant. Set. 1916	COSMOPOLIS Athena Livro do Desasocego — Escripito por Vicente Guedes e publicado por Fernando Pessôa.	Lista de projetos	48B-11 ^r ; LdD, 444
[8] c. 1917	<i>Obras autonymas</i> Livro do Desasocego	Lista de projetos	48B-64 ^r ; LD-I, 53
[9] c. 1917	<i>Alberto Caeiro</i> : O Guardador de Rebanhos, O Pastor Amoroso. <i>Fernando Pessoa</i> : Livro do Desasocego <i>O Regresso dos Deuses</i>	Lista de projetos e Plano de obra	71A-2; SOI, 433
[10] c. 1918	“ <i>Aspectos</i> ”, Prefácio geral. Alberto Caeiro — “O Guardador de Rebanhos”, e outros poemas e fragmentos. Vicente Guedes: “Livro do Desasocego”	Lista de projetos	48C-29 ^r ; LdD, 447
[11] c. 1918	<i>Na Casa de Saude de Cascaes</i> Alberto Caeiro <i>Livro do Desasocego</i> , escripto por Vicente Guedes e publicado por Fernando Pessoa	Lista de projetos	5-83 ^r ; LdD, 445-446
[12] c. 1920	Alberto Caeiro — 1. vol. Livro do Desasocego	Lista de projetos	144G-38 ^r e 39 ^r ; GL, 549-550
[13] c. 1929	Bernardo Soares Rua dos Douradores	Plano de obra	48C-22 ^r ; LdD, 452
[14] c. 1929	Nota para as edições próprias	Nota	9-12 ^r ; LdD, 452-453
[15] c. 1929	Livro do Desasocego	Lista de projetos	s. c.; ES, 61-62
[16] c. 1930	Livro do Desasocego	Lista de projetos	s. c.; LdD, 537

	Ficções do Interludio		
[17] c. 1931	<i>L. do D.</i> (nota)	Nota	2-60r; LdD, 453
[18] ant. Jul. 1932	Cancioneiro Poemas Completos de Alberto Caeiro Livro do Desasossego	Lista de projetos	181r; ES, 64
[19] ant. Jul. 1932	1. “Portugal” 2. “Livro do Desasossego” 1. Caeiro	Lista de projetos	170r

Notas

- [1] a [3] Planos escritos no verso de um impresso idêntico de uma “Proposta para Hypotheca”, característico de textos datáveis de 1913 (cf. LdD, 532, 556-557 e 961-962). Já Jorge de Sena se referia na sua projetada introdução ao *Livro*, datada de 1964, a estes e ao plano [6] como pertencentes todos eles a uma primeira fase de escrita (cf. Sena, 1982: 204).
- [4] Datação baseada na indicação de data do próprio documento, que encabeça a lista de projetos.
- [5] Lê-se na mesma página o apontamento “Read letter from Frank Palmer. Wrote letter to Pretoria”, sabendo-se que Pessoa enviou a Frank Palmer uma carta datada de 30/4/1914, recebendo uma resposta semanas mais tarde (cf. PP, 121-142).
- [6] Plano materialmente idêntico ao texto intitulado “Marcha Funebre para o Rei Luiz Segundo da Baviera” e afim a outros trechos datáveis, segundo Pizarro, de 1916 (cf. LdD, 562-563 e 962). Segundo Jorge de Sena, este plano está, à semelhança dos primeiros três ([1] a [3]), relacionado com uma primeira fase de escrita do *Livro* (cf. Sena, 1982: 204).
- [7] Lista de projetos vinculada com a *Athena*, título escolhido posteriormente para a revista dirigida por Pessoa e Rui Vaz e publicada entre 1924 e 1925 e que surge aqui encabeçando o projeto “Cadernos de Reconstrução Pagã”. Pertence a uma primeira série de projetos associados a este nome, não devendo ser posteriores a Setembro de 1916, altura em que Pessoa escreve em carta a Côrtes-Rodrigues que decidira retirar o acento do apelido, por este prejudicar “o nome cosmopolitamente” (SOI, 400).
- [8] Datação baseada no núcleo de títulos. A referência a *Unprintable Poems* indica tratar-se de um documento anterior à primeira publicação dos folhetos de poemas ingleses *Antinous* e *Epithalamium* em 1918.
- [9] Lista que associa vários projetos recorrentes noutras listas, atribuídos a Caeiro, Reis, Mora, Campos e Pessoa, para além de Sá-Carneiro e Alfredo Guisado, aos *ismos* — *Neo-Paganismo*, *Sensacionismo*, *Interseccionismo*. A proximidade com listas deste período e com o desenvolvimento dos *ismos* justifica a datação conjectural.

- [10] Lista de obras associadas a “Aspectos”, título de prefácio, escrito parcialmente no mesmo suporte. O conjunto de títulos apresentado é característico da segunda metade da década de 10. Teresa Sobral Cunha propõe a data conjectural de 1917 (cf. PCAC, 321), Jerónimo Pizarro a de 1918 (cf. LdD, 965) e Fernando Cabral Martins e Richard Zenith a de 1919-20 (cf. TH, 75). Martins e Zenith sublinham o dado de que Ricardo Reis já se encontraria “na América” (cf. *idem*), como se lê no texto e que corresponde a afirmações que se encontram em esboços mais tardios dos prefácios ao livro de poemas de Caciro. Pizarro justifica a sua proposta pela proximidade tanto da lista como do esboço de prefácio dos planos de publicação vinculados com o *Neo-Paganismo* e por uma forte referência a elementos astrológicos, interesse que se manifesta principalmente na correspondência deste ano (cf. *idem* e CO-I, 257-264). A referência explícita no texto do prefácio à publicação de obras do “neo-paganismo português” (LdD, 451) como ideia anterior e aqui abandonada indica que tanto a lista como o prefácio serão posteriores a uma série de planos vinculados com o mesmo.
- [11] No verso da lista encontra-se o timbre “F. A. Pessoa | R[ua] do Ouro, 87, 2.º | Rua S. Julião, 41, 3º | Lisboa”. Trata-se de uma firma de que Pessoa era coproprietário, fundada em 1917 e que se mudou da primeira sede (correspondente à morada riscada) para a Rua do Ouro, onde terá estado instalada entre Dezembro de 1917 e Maio de 1918. Rui de Sousa refere vários textos escritos neste suporte, datados de 1918 ou 1919 (cf. BNP/E3 28A-38 a 40 e Sousa, 2008: 81-86).
- [12] Lista inserida no caderno com a cota 144G, onde as datas mencionadas se situam entre Junho de 1919 e Fevereiro de 1921 (cf. <http://purl.pt/13883>). Na folha seguinte encontra-se uma referência à *Olisipo* e em 144G-46º dois poemas datados de 1920.
- [13] e [14] O primeiro documento é datável do final dos anos 20, dada a atribuição a Bernardo Soares de vários trechos que integrariam o *Livro do Desassossego*, entre eles o poema *Chuva Oblíqua*, num momento necessariamente anterior a testemunhos datáveis dos anos 30 que o atribuem a Fernando Pessoa e à publicação do mesmo em nome próprio em 1915, no segundo número de *Orphen*. O segundo documento surge por evidências de conteúdo na sequência do primeiro, apresentando características materiais que o aproximam de documentos deste ano (cf. LdD, 452-453 e 966-967).
- [15] Lista datável do final dos anos 20, pelas indicações dos títulos “Interregno”, publicado em 1928 e “O Unico Manuscrito”, referência à obra atribuída ao Barão de Teive, cuja escrita terá sido iniciada em meados de 1928 (cf. ES, 9), para além de outros, característicos de listas posteriores a 1928, como *Erostratus*, *Anteros* e *Cancioneiro*. Pizarro refere ainda que um soneto da série *Passos da Cruz*, igualmente mencionada, foi republicado em *O Notícias Ilustrado* em Abril de 1929 (cf. ES, 104).

- [16] Segundo Jerónimo Pizarro, este documento deverá ter sido elaborado no início de 1930 (cf. Pizarro, 2010: 537), a julgar por várias referências a projetos características deste período, entre elas o projeto de tradução do *Banqueiro Anarquista*, um “preface remodelled” a um livro de António Botto, a *Erostratus* ou ao *Caso Vargas*. Pessoa assinala ainda a sua dúvida quanto ao título do livro que reuniria os poemas ortónimos, “Cancioneiro (ou Itinerario)”, figurando apenas “Cancioneiro” em listas e na correspondência mais tardia. Agradeço a Pizarro a troca de impressões sobre esta lista.
- [17] Datação baseada na marca de água do papel, *Grabams Bond Registered*, que serve de suporte de forma praticamente exclusiva a textos datados ou datáveis de 1931 (cf. LdD 453, 967 e Pizarro, 2010: 531).
- [18] e [19] Na famosa carta a João Gaspar Simões de 28 de Julho de 1932, Pessoa revela aquelas que seriam “primitivamente” as suas intenções de publicação, referindo o seu propósito de publicar, por esta ordem, os títulos *Portugal*, *Livro do Desassossego*, *Poemas Completos de Alberto Caeiro* e o *Cancioneiro* (cf. CP, 198-199). Estes títulos são, com exceção do primeiro, que consta apenas em [18], comuns às duas listas. Na mesma carta, Pessoa refere uma necessidade de revisão do *Livro do Desassossego*, que não levaria “menos de um anno” a fazer (cf. *idem*, 199), sendo de constatar a ausência de referências ao *Livro* em correspondência, assim como em projetos e planos editoriais posteriores. Pessoa terá abandonado por esta altura o projeto de publicar o *Livro*, cujo último trecho, datado de 2/7/1932, foi publicado neste mesmo ano (cf. LdD, 401-402 e 937). Pizarro propõe a data aproximada de 1931 para a lista [18] (cf. ES, 64 e 105). O tipo de papel dos dois documentos é idêntico e o documento [19] é ainda materialmente idêntico a BNP/E3 169^r, onde se encontra um plano intitulado “Para o livro EPISODIOS”, que inclui referências a “Prefacio ao livro “Acronios” e “Prefacio ao livro “Alma Errante””, ambos publicados em 1932.

[19] [BNP/E3 170^r]

1. “Portugal”.
 2. “Livro do Desasocego”.
 3. “Cancioneiro” (Livro I ou mais).
 4. “A Tormenta”.
 5. (qualquer cousa em prosa).
-
1. “Mrs. Harris”.
 2. “Erostratus”.
 3. “The Mouth of Hell”.
 4. Little Book of Poems.
 5. “The Student of Salamanca” (ahead).

-
1. Caeiro.
 2. Edições Sá-Carneiro.

Referências

1. Obras de Fernando Pessoa

- BNP/E3: Espólio de Fernando Pessoa à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal <http://purl.pt/1000/1/>: Espólio de Fernando Pessoa disponibilizado na Biblioteca Nacional Digital
- AC: *Alberto Caeiro, Poesia*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa: Assírio e Alvim, 2001
- CO-I: *Correspondência, 1905-1922*, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa: Assírio e Alvim, 1999
- ES: *A Educação do Stoico*, ed. Jerónimo Pizarro, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007
- GL: *Escritos sobre Génio e Loucura*, ed. Jerónimo Pizarro, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006
- LdD: *Livro do Desasossego*, ed. Jerónimo Pizarro, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010
- LD: *Bernardo Soares, Livro do Desasossego*, ed. Richard Zenith, 9.^a edição, Lisboa: Assírio e Alvim, 2011
- LD-I: *Livro do Desasossego por Vicente Guedes, Bernardo Soares*, ed. Teresa Sobral Cunha, Vol. I, Lisboa: Presença, 1990
- LD-II: *Livro do Desasossego por Bernardo Soares*, ed. Teresa Sobral Cunha, Vol. II, Lisboa: Presença, 1990
- PCAC: *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa: Presença, 1994
- PP: *Provérbios Portugueses*, ed. Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, Lisboa: Ática, 2010
- SOI: *Sensacionismo e Outros Ismos*, ed. Jerónimo Pizarro, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009
- TH: *Teoria da Heteronímia*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa: Assírio e Alvim, 2012
- ### 2. Outra
- COELHO, Jacinto do Prado (1982). “Fernando Pessoa Sempre Existiu”, *Livro do Desasossego*, ed. Jacinto do Prado Coelho, Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, Lisboa: Ática: VII-XXIII
- FERREIRA, António Mega (2005). *Fazer pela vida, Um retrato de Fernando Pessoa, o empreendedor*, Lisboa: Assírio e Alvim
- GUSMÃO, Manuel (2003). “O Fausto — um teatro em ruínas”, *Românica*, Revista de Literatura, 12: 67-86.
- LOURENÇO, Eduardo (2008). *Fernando, Rei da nossa Baviera*, 3.^a edição, Lisboa: Gradiva

- MARTINS, Fernando Cabral (2000). “Editar Bernardo Soares”, *Revista Colóquio/Letras*, Ensaio, 155/156: 220-225.
- _____ (2003). “Breves notas sobre a alta definição”, *Românica*, Revista de Literatura, 12: 157-164.
- _____ (coord.) (2008). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Lisboa: Caminho
- NEMÉSIO, Jorge (1958). *A Obra Poética de Fernando Pessoa, Estrutura das Futuras Edições*, Salvador da Bahia: Livraria Progresso Editora
- PATRÍCIO, Rita (2008). *Episódios. Da teorização estética em Fernando Pessoa*, Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura, Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho
- PIZARRO, Jerónimo (2010). “Estudo”, *Livro do Desassossego*, ed. Jerónimo Pizarro, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda: 517-605.
- RUBIM, Gustavo (2000). “Livro: o único, o múltiplo e o inexistente”, *Revista Colóquio/Letras*, Ensaio, 155/156: 216-219.
- SEABRA, José Augusto (coord.) (1993). “Introdução”, *Mensagem, Poemas esotéricos*, Edição Crítica, Madrid [etc.]: Coleção Arquivos: XXV-XL.
- SENA, Jorge de (1982). “Introdução”, *Fernando Pessoa e C.ª Heterónima*, Lisboa: Edições 70
- SEPÚLVEDA, Pedro (2012). *Os livros de Fernando Pessoa*. Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses / Estudos de Literatura. Lisboa: FCSH da Universidade Nova de Lisboa (consultável online em <http://run.unl.pt/handle/10362/7420>)
- _____ e URIBE, Jorge (2013). “Planeamento editorial de uma obra em potência: o autor, crítico e tradutor Thomas Crosse”, *Revista Colóquio/Letras*, Ensaio, 183 (no prelo)
- SOUSA, João Rui de (2008). *Fernando Pessoa, Empregado de escritório*, Lisboa: Assírio e Alvim
- ZENITH, Richard (2011). “Introdução”, *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith, 9.ª edição, Lisboa: Assírio e Alvim: 13-41.